

ACONSELHAMENTO EM TEMPOS DE BARBÁRIE: SOFRIMENTO, VIDA E ENCARNAÇÃO¹

Karin H. K. Wondracek²

Resumo: Este texto parte da descrição do sofrimento na pós-modernidade e traz o conceito de barbárie de Michel Henry para compreender sua origem e alcance. A redução da vida aos registros do corpo e da ação (Birman), o empobrecimento da linguagem simbólica são relacionados com a perda do acesso à vida e sua doação. Para o resgate da condição humana para além do bios, busca-se na filosofia do cristianismo de Michel Henry subsídios na sua abordagem da relação entre encarnação, sofrimento e *pathos*. A fenomenologia da encarnação, baseada no conceito joânico de carne, propõe a passagem do corpo-objeto para o corpo-subjetivo, e assim possibilita a modalização da dor em sofrimento e este em revelação da dádiva da vida. Através de exemplos, busca-se ilustrar o campo do aconselhamento em tempos de barbárie; esse se dá na postura encarnada de com-paixão.

Palavras-chave: Barbárie. Encarnação. Fenomenologia da Vida. Michel Henry.

*Counseling during times of barbarism:
suffering, life and incarnation*

Abstract: This text begins from the description of suffering in post-modernity and brings Michel Henry's concepts of barbarism to understand its origin and scope. The actual reduction of life at body and action (Birman) and the depletion of symbolic language are related to the loss of life and its access of donation. To rescue human condition beyond the bios, we search on Michel Henry's philosophy of Christianity in order to have subsidies in its approach to the relationship between incarnation, suffering and *pathos*. A phenomenology of incarnation, based on the John's Gospel concept of flesh suggests the passage of the body as object to the body as subject, and thus enables modalization of pain and suffering in this in revelation of the gift of life. Through examples we seek to illustrate the field of counseling during times of barbarism; that counseling occurs in embodied attitude of com-passion.

Keywords: Barbarism. Incarnation. Phenomenology of Life. Michel Henry.

Nos últimos tempos, o ser humano se encantou com sua capacidade de pensar, calcular, projetar artefatos, aumentar lucros. Com o olhar tomado pela busca de ideias claras e distintas³, a ciência agigantou-

¹ O artigo foi recebido em 17 de agosto de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 29 de agosto de 2010.

² Psicóloga e psicanalista, professora de Aconselhamento e Psicologia na Faculdades EST. Mestra e doutora em Teologia (EST – CAPES). Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos. karinkw@gmail.com

³ DESCARTES apud HENRY, Michel. *Genealogia da psicanálise*: o começo perdido. Curitiba: UFPR, 2009. p. 86: "São verdadeiras todas as coisas que concebemos muito clara e distintamente".

se no conhecimento do mundo e no desenvolvimento de tecnologias. Mas pouco a pouco atrofiou o contato com a vida subjetiva e sua fonte, pois essa é dada na invisibilidade. O conhecimento, na sua sede por sistematização, afastou-se da vida, com as consequências trágicas que conhecemos. A técnica substituiu o valor da humanidade. Com o nome de progresso, as comunidades humanas acostumaram-se a descartar pessoas, culturas e valores:

Os homens afastados da Verdade da Vida mergulham nos enganos, nos prodígios em que a vida é negada, ridicularizada, troçada, simulada, ausente. Os homens são substituídos por abstrações, entidades econômicas, lucros e dinheiro. Os homens são tratados matematicamente, informaticamente, estatisticamente, contados como animais, sendo tidos em menor apreço do que estes⁴.

Estamos acostumados a pensar em barbárie, recordando épocas de destruição total da cultura, mas, para Michel Henry⁵, vivemos uma barbárie mais sutil, mas nem por isso menos danosa: ela talvez não destrua acintosamente os bens culturais, mas volta-se contra a própria vida, minando seus fundamentos silenciosa e progressivamente.

Para o filósofo, pela primeira vez na humanidade temos uma barbárie que convive e se alimenta do progresso: há simultaneidade de destruição e aumento de conhecimento técnico, ou pior: Henry chega a dizer que justamente pelo deslumbramento pelo saber científico e técnico é que a conexão com a vida está sendo perdida, e a barbárie se incrementa. No intento de adquirir um conhecimento objetivo e visível do ser humano, coloca-se de lado a própria essência do humano, que é subjetiva e invisível. Assim a intenção científica faz desaparecer o seu objeto!⁶ Como consequência, temos:

- o desaparecimento do saber em suas formas éticas;
- o desaparecimento da arte como expressão da essência humana;
- o desaparecimento da espiritualidade como valor⁷;
- o desaparecimento da transmissão do saber de uma geração para outra⁸.

⁴ HENRY, Michel. **Eu sou a verdade**: cristianismo como filosofia. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega, 1998. p. 277.

⁵ HENRY, Michel. **La barbárie**. 2. ed. Madrid: Caparrós, 2006. Michel Henry (1922-2002) é filósofo e fenomenólogo francês; sua obra busca construir bases filosóficas e metodológicas que possibilitem a fenomenologia da vida. Além de Husserl, embasa-se em Meister Eckhart, Descartes e Maine de Biran para fazer uma leitura crítica dos rumos do pensamento ocidental. Nas últimas obras, tece uma abordagem filosófica do Evangelho de João, como proposta de compreensão da condição humana como nascido na Vida absoluta. Para mais informações, ver o site <www.michelhenry.com> e as referências bibliográficas no final.

⁶ HENRY, 2006.

⁷ HENRY, 2006.

⁸ Ao lado de Michel Henry, o conceito de exclusão da imaginação do pensamento Ocidental de Giorgio Agamben é útil para abordar essa transformação. Cf. JUNGBLUTH, Ana Carolina. **Jornada imagi-**

A tradição ética e étnica, a cultura e a arte, o espiritual e o saber dos ancestrais já não são considerados fontes de vida. Os mais idosos, justamente por não acompanharem o saber técnico, são relegados pela sociedade e considerados incapazes de ensinar qualquer conteúdo válido aos mais novos.⁹ Com isso se produz um grande hiato entre as gerações, que impede o enraizamento de adolescentes e jovens na sua bagagem cultural. Desta forma, na sua orfandade étnica, ética e estética, tornam-se presa fácil de ideologias consumistas ou totalitárias.¹⁰

Eis alguns exemplos para aprofundar o conceito de barbárie:

1. Em uma cidade de médio porte, a câmara dos vereadores decidiu abrir o comércio aos domingos porque aumenta em x% o faturamento.

A barbárie privilegia as abstrações como horas de trabalho e margens de lucro e não leva em conta a destruição do sagrado e do tempo dedicado à vida familiar. Desta forma, a pessoa e a comunidade esquecem-se das dimensões afetivas e invisíveis da vida, essas que não redundam em dados econômicos demonstráveis.

2. Num museu de arte, os visitantes se posicionam perante um famoso quadro do século XVII que retrata uma cena dos evangelhos; o guia faz sua exposição apenas com dados técnicos, como a data da obra, tipo de tinta usada, valor do quadro.

A barbárie despreza todas as informações que não sejam quantificáveis e por isso ignora o sentido último do humano e seu patrimônio espiritual; concentra-se em detalhes técnicos e históricos que alienam da verdade mais profunda retratada no quadro.

3. Numa igreja X, a comunidade resolveu diminuir a ajuda a projetos sociais para comprar equipamento de multimídia para os cultos.

A barbárie retira a sensibilidade à vida e ao sofrimento e, em troca, propõe técnicas sofisticadas que prometem a vitalidade banida. A diminuição da verba social acarretará desamparo para muitas pessoas, mas isso já não é considerado importante. O Evangelho é deturpado em nome de uma liturgia midiática, que induz ao narcisismo e à massificação.

4. A senhora Y procura o pastor para aconselhamento a respeito da sua depressão. Ele a escuta por alguns minutos e a encaminha ao psiquiatra, que lhe receita medicamentos.

nativa: o problema da experiência transmissiva e cultural na perspectiva de Giorgio Agamben. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.

⁹ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graaz, 1983.

¹⁰ SAFRA, Gilberto. A fragmentação do ethos no mundo contemporâneo. In: NOÉ, Sidnei (Org.). **Espiritualidade e saúde**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2005. p. 7-14.

A barbárie reduz o sofrimento humano ao plano do visível e do biológico e já não escuta a dor na profundidade. O pastor se sente desautorizado a intervir nessa problemática tornada tão concreta e por isso a encaminha para o “especialista”¹¹.

Gostaríamos ainda de apresentar um quinto exemplo, no qual se mesclam a barbárie sutil e a barbárie explícita:

5. No Congo africano, milícias invadem aldeias e mutilam os genitais das mulheres na frente de todo o povoado com o objetivo de desmoralizar o tecido social da comunidade e fazê-los abandonar a terra, rica em minerais. As organizações internacionais apenas trazem auxílios paliativos, sem intervir para acabar com essa prática.

Para o médico ginecologista Denis Mukwege, fundador do Hospital de Panzi (Congo), no qual atende a essas vítimas: “Estão destruindo a humanidade ali e ninguém faz nada”. Ou seja, nesses ataques combinam-se modos ativos explícitos e modos passivos, mais sutis, de barbárie, a serviço da exploração de riquezas: “Com a aniquilação dos moradores, exploram mais facilmente a região rica em materiais utilizados em componentes eletrônicos, como a cassiterita. Há empresas multinacionais que extraem os minérios na África”¹². O novo é que a violência contra a mulher é utilizada pela sede de lucros. As aldeias são um obstáculo para a apropriação dos minérios, e essa forma de violência se torna o modo mais rápido e bárbaro de obrigar a população a abandonar suas terras. A mutilação feminina destrói a própria vida e a capacidade da vida se multiplicar.

Entendendo a contemporaneidade

Para o psicanalista Joel Birman, mudou a forma de expressão do mal-estar nas últimas décadas: ele já não se expressa no conflito psíquico entre impulsos e interdições morais, mas se evidencia nos registros do corpo e da ação. Essa ênfase leva a queixas que se centram no corpo e seus problemas e, assim, à biologização da vida, com seus múltiplos processos preventivos e curativos, que alteram o estilo de vida e exacerbam o cuidado com o corpo.

Estamos, portanto, diante de um conjunto de signos que constituem o mal-estar num outro formato, centrados agora no corpo e na ação. Em contrapartida, a linguagem se empobrece a olhos vistos, mesmo quando é usada de maneira gramaticalmente correta. Com efeito, o registro metafórico daquela se faz cada vez

¹¹ Cabe destacar que a crítica não vai no sentido de menosprezar o benefício da medicação, mas de questionar o entendimento apenas concreto do sofrimento e o consequente monopólio do seu tratamento.

¹² Denis Mukwege foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2009, que foi concedido a Barack Obama. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=160707>>. Acesso em: 28 jul. 2010.

mais pobre, na medida em que a dimensão informacional do discurso esvazia sua dimensão simbólica.¹³

A linguagem reduzida ao informativo já não dá conta de expressar os meandros do sofrimento. Por isso Birman expressa que há um deslocamento do psíquico para a dor física. Já não se quer falar, ou já não se sabe falar, e se quer substâncias quase mágicas que tirem a dor, ao preço de anestesiá-la a vida, se for necessário.¹⁴ Além de sedar a vida pela excessiva medicalização ou drogadição, também se obtém este efeito pela sobrecarga de afazeres, supérfluos tornados necessários, sem rumo nem realização.¹⁵

No aspecto mais sutil da barbárie, há uma cooptação pelo encanto com a técnica, esta também pobre de palavras e significados. As pessoas são seduzidas pelo apelo dos objetos, ao invés de lidarem criativamente com sua vida. A vida passa pela concretude da aquisição de algo – infelizmente também na esfera do religioso. Fetichismo elevado à normalidade, sinal de perda da conexão profunda com a vida?

A barbárie explícita, na esfera mais ampla da sociedade, mostra que a expressão do conflito se dá no registro da ação, pela forma agressiva e violenta de lidar com as tensões. As diferenças ideológicas, religiosas ou políticas já não são tratadas pelo diálogo, mas expressam-se como ataques diretos ao corpo dos inimigos – por chacinas, bombas, retaliações e mutilações. Como Henry aponta, nessa barbárie, os avanços científicos fornecem munições a todas essas correntes que despedaçam ética, corpos e comunidades inteiras.

Com Birman, já apontamos à redução da capacidade de comunicação da linguagem, e também Henry afirma que a sabedoria da vida foi ocultada pelo incremento do saber técnico: por exemplo, uma pesquisa sobre sexo relata toda forma de estatísticas sobre as práticas sexuais; um estudo sobre suicídio traz porcentagens de tentativas por método a, b, c, segundo condição econômica, gênero, educação. O autor pergunta o que acrescentará à nossa sexualidade saber as porcentagens de determinadas práticas? O que aliviará o desespero daquele que pensa em suicidar-se saber a quantidade de tentativas em determinado método de suicídio?¹⁶

Para Henry, a sociedade ocidental como um todo esqueceu que há um saber mais originário que o da ciência, que é o da vida – é esta que doa o pensamento que faz ciência.¹⁷ “Antes do pensamento, antes pois da fenomenologia, assim como antes da teologia (antes da filosofia ou de qualquer outra disciplina teórica), uma Revelação está actuante, a qual que nada lhes deve mas que todas elas supõem, igualmente.”¹⁸

¹³ BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. **Estados Gerais da Psicanálise**, 2003. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2010.

¹⁴ BIRMAN, José. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

¹⁵ KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

¹⁶ HENRY, 2001.

¹⁷ HENRY, 2001.

¹⁸ HENRY, 2001, p. 274.

Quando o humano esquece a doação da sua vida nesse saber originário, incrementa a barbárie. Esquecimento que, para Henry, tem múltiplas causas, mas que pode ser superado, se a vida acolher a revelação, especialmente a da encarnação.

O paradigma da encarnação como resposta à barbárie

O sofrimento e sua relação com nossa corporeidade e nossa fé foi um tema relevante o professor Lothar C. Hoch, que soube como poucos garimpar preciosos achados para o aconselhamento pastoral e seus desafios – no traumático, no ciclo da vida, no cotidiano.¹⁹

Em tempos de privilégio de corpo e ação, o pensamento contemporâneo surpreende-se com o resgate do cristianismo como filosofia. Michel Henry e Jean-Luc Marion²⁰, entre outros, na França, e Rolf Kuhn, na Alemanha²¹, investigam a condição humana sob pressupostos tomados do cristianismo. Filósofos, psicólogos, médicos, enfermeiros, economistas, ergonomistas, entre outros, têm-se debruçado sobre suas reflexões e derivam conceitos importantes para a lida com o sofrimento.

O objetivo aqui é indagar se a filosofia do cristianismo de Michel Henry traz contribuições para a compreensão e intervenção no mal-estar contemporâneo. O impacto das suas ideias nos diferentes âmbitos que lidam com o sofrimento faz-nos acreditar que sim. Para Henry, sofrimento está interligado com a vinda da vida que se revela como afetividade encarnada. Do prólogo do Evangelho de João ele deriva a condição humana na correlação originária entre carne, vinda na carne e autorrevelação da Vida absoluta no seu Verbo.²² No seu livro *Encarnação: para uma filosofia da carne*²³, faz uma leitura da condição humana a partir da encarnação. O conceito de *carne* não é o paulino, mas o joanino: *Vinda na carne* do Verbo quer dizer que Jesus Cristo, o Primeiro Filho, veio ao mundo num corpo investido afetivamente, num corpo pertencente “ao mundo”, e assim revestiu uma condição humana. Em consequência, a própria condição humana deve ser compreendida a partir de outra

¹⁹ Como, por exemplo, em HOCH, Lothar. *Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia*. In: HOCH, Lothar; ROCCA L, Susana (Orgs.). **Sofrimento, resiliência e fé**. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. p.72-80. Quem consultar o catálogo da biblioteca da EST terá uma noção da profundidade dessa temática na produção de Lothar C. Hoch, seja em livros, artigos, bem como em orientações de dissertações e teses.

²⁰ MARION, Jean-Luc. **O fenômeno erótico**. Tradução por Florinda Martins. No prelo em Portugal. O NEFT – Núcleo de Estudos em Filosofia e Teologia do PPG-EST, coordenado pelo Prof. Dr. Enio R. Mueller e pela autora, inseriu essa temática e esses autores no seu programa de estudo, e discutiu a obra de ambos com a professora Florinda, em março de 2010. Sobre Michel Henry e a fenomenologia da Vida, cf. <www.michelhenry.com>. Em português, o grupo de investigação “O que pode um corpo”, coordenado pela Profa. Dra. Florinda Martins desenvolve pesquisas nas áreas citadas, do qual também participamos.

²¹ KÜHN, Rolf. **Gabe als Leib in Christentum und Phänomenologie**. Würzburg: Echter, 2004.

²² HENRY, 2001, p. 143.

²³ HENRY, Michel. **Encarnação: uma filosofia da carne**. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001.

inteligibilidade, “a partir de uma Arqui-Inteligibilidade que só a Deus pertence e da qual os humanos são Filhos”²⁴.

A fenomenologia da carne remete a duas dimensões: 1. à fenomenologia da encarnação como pressuposição última da condição humana; 2. à releitura do corpo como a face visível de uma carne invisível: torna possível o corpo “transcendental intencional que nos abre ao mundo no sentir e assim a tudo o que é sentido. [...] A relação da carne com o corpo é, pois, uma questão insuperável”²⁵. Se Birman aponta a queda da pós-modernidade para os registros do corpo e da ação, Henry considera a barbárie atual sintoma dessa redução da vida a seu aparecer debaixo do monismo ontológico.²⁶ Propõe justamente a fenomenologia da encarnação como paradigma para lidar com esse corpo-carne que clama por auxílio. Alguns pontos a destacar:

Do pensamento sobre o corpo à fenomenologia da carne²⁷

Em primeiro lugar, é necessário estabelecer a relação entre pensamento sobre o corpo e a fenomenologia desse corpo. A segunda parte do seu livro *Encarnação*, chamada *Fenomenologia da carne*, inicia abordando o equívoco da prioridade do pensamento como ato primeiro. É necessário religar a faculdade de pensar com sua doação na vida, tecendo a fundamental pergunta: “Como adquirir no pensamento um conhecimento desta vida que dá este ver a si mesmo sem, contudo, se mostrar a si?”²⁸.

Sua resposta a essa questão aponta para a reconexão das capacidades humanas com sua doação originária para habilitar o pensamento como forma de conhecimento. Podemos formular um pensamento a respeito da vida se conhecermos a vida da mesma forma como ela se conhece a si mesma – na Arqui-Inteligibilidade do seu *pathos*, pois é nessa Arqui-Inteligibilidade que viemos a nós mesmos, na condição de viventes, “na posse desta vida que nos pôs na posse de nós mesmos”²⁹.

A Vida é doadora até do pensamento; Henry considera *catastrófico* esquecer a ordem que concede à vida a prioridade, mormente em se tratando de corpo e

²⁴ HENRY, 2001, p. 12.

²⁵ HENRY, 2001, p. 134. A próxima também.

²⁶ Monismo ontológico: Conjunto de supostos que sustenta, no pensamento tradicional, a necessidade de apresentar o fenômeno mantendo a “distância fenomenológica”, que afirma que o fenômeno se nos apresenta distinto de nós e separado de nós. A partir disso, o Ser será pensado sempre na Exterioridade transcendental, em um *Ek-stasis*, em uma ruptura e separação originária, traço em comum da filosofia clássica e da filosofia moderna da consciência, desde sua origem grega.

²⁷ O que segue foi desenvolvido no capítulo 4 da tese de doutorado da autora, **Ser nascido na Vida: a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo, 2010, sob a orientação do Prof. Dr. Enio R. Mueller e coorientação da Profa. Dra. Florinda Martins e do Dr. Carlos J. Hernández. Fomos honradas com a participação do Prof. Dr. Lothar C. Hoch na Banca Examinadora.

²⁸ HENRY, 2001, p. 74.

²⁹ HENRY, 2001, p. 75.

carne.³⁰ Em outras palavras, não é suficiente remeter a origem do pensamento ao corpo visível, pois, no saber tradicional, o aparecer do corpo confunde-se com o saber a respeito dele.³¹ Por todo o livro, Henry aponta as consequências funestas de esquecer a “indigência ontológica” inicial a respeito da incapacidade de pôr a si mesmo na vida, pois

não é o aparecer do mundo que pode, precisamente, dele prestar contas. Tal é o paradoxo: ao primeiro passo, *a elucidação fenomenológica do corpo mundano arranca a sua existência ao mundo, pondo gravemente em causa a primeira via de acesso escolhida para lhe circunscrever a natureza* e prosseguir a análise.³²

Em outras palavras, são as próprias capacidades sensíveis do corpo que requerem que se avance para além dele, bem como é a própria estrutura do pensamento que exige que se busque o princípio doador originário; é o rigor fenomenológico que obriga a isso. Ressignificando a análise de Birman, poder-se-ia perguntar: a concentração pós-moderna do sofrimento nos registros do corpo e da ação não poderia ser sintoma deste “esquecimento” do poder doador que antecede corpo, ação e pensamento?

Do corpo objetivo ao corpo subjetivo

Essa última questão nos leva ao segundo ponto, de que é preciso atravessar o corpo objetivo para tocar o corpo subjetivo. A capacidade de sentir do corpo não pode ser explicada a partir das categorias de visibilidade. Sua sensibilidade retira-o da condição de objeto (corpo sentido) e leva-o para a condição de corpo-sujeito (corpo que sente).

Um corpo-sujeito, oposto a um corpo-objecto do qual é a condição. Um “corpo subjectivo” *a priori* diferente do corpo objectivo, no sentido em que aparece como o seu fundamento. Um corpo subjectivo transcendental, doando e sentindo o corpo sentido e doado por ele – qualquer corpo objectivo mundano.³³

Henry transporta para a esfera do corpo a duplicidade corpo-objeto e corpo-subjetivo, já postulada no seu livro *Eu sou a verdade*³⁴ a respeito do Si e do ego. O corpo subjetivo, o poder que tem de sentir a si é justaposto ao corpo-objeto, que é sentido. Henry chama esse corpo subjetivo “princípio de experiência, condição de

³⁰ HENRY, 2001, p. 78.

³¹ HENRY, 2001, p. 102.

³² HENRY, 2001, p. 103. O grifo é meu.

³³ HENRY, 2001, p. 95.

³⁴ HENRY, 1998.

possibilidade³⁵ de *corpo transcendental*, composto por um conjunto de poderes fundamentais. Requer uma análise não mais do corpo material, mas da sensibilidade, cujo conceito, comenta Henry, “permanece tradicionalmente mergulhado na mais completa obscuridade”.

A sensibilidade remete à experiência passiva da impressionabilidade. Essa é uma propriedade da essência, “a pressuposição fenomenológica incontornável de qualquer impressão³⁶. A incapacidade de se desfazer de si revela a passibilidade na origem do Si. Essa revelação, da qual não se pode fugir, expressa o modo da vida se revelar – ou seja, ela mostra a autoafecção da carne, a sua revelação:

A impossibilidade do sofrimento de a si mesmo escapar, de se referir a si afastando-se de si, no manter-conjunto de um ver, de uma sín-tese, por mais passiva que seja – é tão-só o inverso de uma positividade absoluta: essa vinda a si no sofrimento, na sua paixão, nessa identidade consigo que é a sua substância mesma. A paixão do sofrimento não é só o que a interdita, para sempre, evadir-se e fugir de si mesmo: ela só significa essa interdição porque é primeiro essa vinda a si do sofrimento que a carrega com o seu próprio conteúdo e a une indissolivelmente a ele. A paixão do sofrimento é o seu jorrar a si mesma, o ser apreendida por si, a sua aderência a si, a força em que coincide consigo e na força invencível dessa coerência, dessa identidade absoluta consigo na qual se experiencia e se revela a si mesma, a sua revelação – a sua parusia³⁷.

A impossibilidade de fuga remete ao poder doador da vida, “seu jorrar a si mesma, a aderência a si, a identidade absoluta”, que envia à sua revelação. Se o corpo está na ordem da manifestação, a carne está na ordem da revelação, da parúsia.

A carne e afetividade originária

Se a carne é o modo como a vida se faz, cabe agora relacionar carne com afetividade originária. É a afetividade originária que se experimenta a si como *pathos* na vida, que torna possível o experimentar-se sem distância no abraço de si. Ora, a matéria que faz essa experiência de si não é inerte, mas é uma carne: “Esta auto-impressionalidade viva é uma carne. Só porque ela pertence a uma carne, porque traz em si esta auto-impressionalidade patética e viva, é que qualquer impressão concebível pode ser o que é, uma ‘impressão’³⁸.”

³⁵ HENRY, 2001, p. 94.

³⁶ HENRY, 2001, p. 47: “A passividade da dor e do sofrimento não é, pois, a propriedade de uma impressão particular, uma modalidade da existência advindo-lhe em duas circunstâncias contrárias, quando ela se experiencia, não raro, como um fardo – é uma propriedade de essência, a pressuposição fenomenológica incontornável de qualquer impressão”.

³⁷ HENRY, 2001, p. 65.

³⁸ HENRY, 2001, p. 43. As do próximo parágrafo também.

Nossa carne é “esta matéria *impressionante padecente e fruinte* na qual se auto-impressiona a si mesma”. É ela que experiencia em si, “sem diferir de si, de modo que esta experiência é uma prova de si e não de outra coisa, uma auto-revelação em sentido radical”, imanente, excluindo qualquer heteroafecção. A revelação da carne não se dá no mundo, no visível. Henry descobre no cristianismo a primeira teorização consistente da origem invisível do corpo e de suas propriedades: *O Verbo se fez carne* (João 1.14). A investigação fenomenológica desse axioma do cristianismo ocupa o restante do seu livro *Encarnação* e redefine a condição humana a partir da sua origem no Verbo da Vida absoluta. “É pelo facto de o único poder que existe, o hiperpoder de se trazer a si mesmo à vida e deste modo viver, não pertencer senão a esta Vida única, que todo o ser vivo recebe dela o conjunto de poderes que recebeu, ao mesmo tempo que a vida.”³⁹

Essa conexão reordena, entre outros, a relação entre corpo, pensamento e linguagem: A linguagem é conectada com corpo e carne na forma menos esperada – na Bíblia, onde o Verbo se torna carne e habita entre os humanos. Para Henry, aqui acontece a subordinação dos fenômenos da linguagem à fenomenalidade pura. Essa subordinação não apaga a especificidade dos fenômenos da linguagem; antes, coloca-os perante sua possibilidade mais originária: “Esta chama-se *Logos*”⁴⁰. Essa afirmação exige a passagem da fenomenologia da carne para a fenomenologia da encarnação e o papel do sofrimento na sua prova de realidade.

Da paixão ao *pathos*: sofrimento como realidade da carne

A questão do sofrimento, base da poimênica e da clínica, ganha na doutrina da encarnação uma base fenomenológica surpreendente. Henry aponta que os argumentos usados para provar a realidade da carne passam da descrição do corpo sensível e da natividade para a questão da sensibilidade ao sofrimento, e assim constituem-se dentro do rigor fenomenológico:

Opera-se, então, na problemática dos Padres, a viragem decisiva pela qual as determinações objectivas do corpo material, mostrando-se-nos no mundo, cedem o lugar às determinações impressionais e afectivas que se revelam no *pathos* da vida. Ora são estas determinações impressionais e afectivas que constituem a matéria fenomenológica de que a carne é feita, a carne desta carne, a sua verdadeira substância, a sua realidade⁴¹.

Essa substituição das “determinações objetivas” pelas “determinações impressionais” opera a dissociação insuperável entre corpo e carne, já não mais passíveis de serem confundidos: “o primeiro devolvido ao mundo, de tal forma que

³⁹ HENRY, 2001, p. 165.

⁴⁰ HENRY, 2001, p. 45.

⁴¹ HENRY, 2001, p. 140.

*ele jamais é uma carne, a segunda devolvida à vida, de tal forma que, em si mesma, jamais é um corpo*⁴². No sofrimento, a carne não expressa apenas uma modalidade afetiva qualquer, mas ela reenvia ao processo no qual a vida advém originalmente no seu sofrer primitivo, à sua Verdade absoluta. Reenvia à Arquicarne e à paixão, o Arquipathos da sua Arquirrevelação. Carne e *pathos*, Arquicarne e Arquipathos “são consubstanciais ao processo no qual a Vida absoluta advém em si, são a matéria fenomenológica originária na qual a Arqui-Revelação se cumpre”.

Henry comenta que a afirmação dos Pais da Igreja a respeito da realidade da carne se dá sem arrazoados filosóficos e sem justificações conceituais, mas pelo detalhamento da carne sofredora “*recebendo a realidade do seu sofrimento, da sua fenomenalização patética da vida*. É da realidade de uma carne definida pelo seu sofrimento que a Encarnação de Cristo e, de forma exemplar, a sua paixão recebem agora a sua realidade e a sua verdade”⁴³.

A Paixão de Cristo atesta a realidade da sua carne; o sofrimento vivido como *pathos* pertence à “edificação interior de toda a realidade, à realidade absoluta da qual procede e na qual se inscreve por uma qualquer razão de essência”⁴⁴. Sofrimento e *pathos* como realidades da carne remetem à questão fundamental da imanência da Vida na carne. A liberdade, a autonomia, o movimento, o ser, a potência, a ipseidade, a singularidade, a carne, não é a exterioridade que as dá, é a imanência a si da Vida. Com o conceito cristão de imanência, como imanência da Vida em cada vivente⁴⁵, a Vida absoluta é doadora da vida e de seus elementos, como já percebera Irineu:

A carne é capaz de receber e conter o poder de Deus, visto que, no começo ela recebeu a arte de Deus e deste modo uma parte de si mesma tornou-se o olho que vê, uma outra o ouvido que escuta, uma outra a mão que palpa e que trabalha [...]. *Ora o que participa da arte e da sabedoria de Deus participa também do seu poder*. A carne não está pois excluída da arte, da sabedoria, do poder de Deus, mas o poder de Deus, obtido na vida, desenvolve-se na fraqueza da carne⁴⁶.

No entanto, junto com a face gloriosa dessa participação, Henry também traz a face da fraqueza, pois se a carne retira o seu poder da participação na Vida absoluta, significa que ela nada é por si mesma, recebe apenas a sua realidade dessa doação e por isso não pode afastar-se de si mesma. “A incapacidade de todo o poder em relação ao poder absoluto que o pôs em si mesmo e contra o qual nada pode, a impossibilidade que daí resulta para se desfazer de si, esta dupla incapacidade tem de extraordinário isto: *é ela que confere a todo o poder o que faz dele um poder*”⁴⁷.

⁴² HENRY, 2001, p. 140. A próxima citação também. Grifo do autor.

⁴³ HENRY, 2001, p. 141. Grifo do autor.

⁴⁴ HENRY, 2001, p. 141.

⁴⁵ HENRY, 2001, p. 174.

⁴⁶ IRINEU apud HENRY, 2001, p. 145.

⁴⁷ HENRY, 2001, p. 190. O grifo é do autor. A próxima citação também.

Acontece aqui a *singular inversão*, afirmada já por Paulo, de que há uma relação paradoxal na qual a condição de possibilidade reside na descoberta da impossibilidade: “Quando me sinto fraco, é então que sou forte”. E ainda: “A aflição é o nosso orgulho” (respectivamente 2 Coríntios 12.10 e Romanos 5.3). Paradoxos da carne, paradigmas de um aconselhamento encarnado, capaz de transformar sofrimento em vida.

Encarnação como paradigma de aconselhamento em tempos de barbárie

Se Birman nos alerta que estamos em tempos de reducionismo, de pobreza de significados, nos quais a linguagem se depaupera em tecnicismo e o sofrimento em registros do corpo e da ação, com Henry vemos possibilidades fecundas de resgatar a vida em profundidade pelo paradigma da encarnação.

Considerar cada experiência de si – seja sofrimento, seja alegria, seja dor ou prazer – como provas da revelação da Vida absoluta se doando como vida em cada um de nós implica sair das garras do cientificismo circundante. Pela encarnação, o visível é prova do invisível da vida, e assim possibilita a saída da prisão objetivante, que reduziu a vida a *bios* e *techné*. Pois na encarnação *bios* se torna presença de *Logos*, história do Absoluto em nós, “se experimenta y se abraza a sí mismo en este abrazo de si que es la esencia de la vida”⁴⁸. Pois o registro já não é o da dor pura, mas é o do sofrimento, que em seu sofrer como sofrer-se a si mesmo e suportar-se a si mesmo se experiencia a si mesmo. Desta forma chega a si, apodera-se de si, “un crecimiento de sí mismo y un gozar de sí”, uma união consigo mesmo e com a Vida absoluta que se doa gerando o si.

Voltando aos nossos exemplos, delineamos, na conclusão, algumas pistas para um aconselhamento encarnado como fator de resgate da vida perante a barbárie:

1. Em tempos de abolição dos dias dedicados ao descanso, o aconselhamento centrado na encarnação apontará que vivenciar o descanso semanal será prova da dádiva de si, doação da Vida que não exige trabalho retributivo nem consumo, muito menos lucros. Experimentá-lo, a cada semana, como família e comunidade reafirma a vida a partir da dádiva e não a partir do *Eu-posso*.

2. A arte contemplada pelo viés da encarnação não se preocupará apenas com os dados técnicos e objetificantes do quadro da cena bíblica, pois procurará pela Revelação da Vida na cena retratada: “El arte es el conjunto de las figuras de su propia esencia y de las propiedades fundamentales de esa esencia que la vida se ha propuesto a sí misma en todo tiempo y en todo lugar, por donde estuviera viva”⁴⁹.

3. Numa igreja às voltas com a parafernália midiática, o aconselhamento centrado na encarnação denunciará o esvaziamento da vida e a fuga rumo à téc-

⁴⁸ HENRY, 2006, p. 59. A próxima também.

⁴⁹ HENRY, 2006, p. 60.

nica. Apontará o entorpecimento de filhos que, esquecidos da doação da sua vida, já não querem provar o sofrimento que advém do contato com irmãos e irmãs que passam por necessidades. Denunciará que a opção pelo midiático em detrimento do sofrimento da carne conduz à solidão; o culto torna-se refúgio narcísico e não anúncio da realidade do amor divino encarnado.

4. O aconselhamento encarnado sabe que depressão é doença da carne simultaneamente fruente e padecente, que somos nós, e não reduzirá a questão ao *bios* e suas substâncias químicas ou sua genética. Tendo por paradigma a paixão, o sofrimento da carne nisso faz prova da sua realidade na Vida absoluta.⁵⁰ A sabedoria encarnada é múltipla: acompanhamento pastoral junto com acompanhamento psicológico e médico, saberes que se reúnem para ajudar a atravessar esse deserto vazio, mas também pleno de revelação.

5. Quando a barbárie é explícita como nas aldeias do Congo, cabe reunir todas as forças possíveis para denunciar a matança da vida. A realidade da Paixão de Cristo encorajou o médico congolês e também nos ajuda a jamais compactuar com tal barbárie, mas na *com-paixão* [*pathos-avec; mit-Pathos*], no auxiliar e sofrer conjuntamente, como corpo de Cristo, a dor daquelas mulheres e das suas famílias e aldeias. O Cristo encarnado, com sua realidade da Paixão, mobiliza-nos para que não fujamos perante essa realidade aterradora, mas em Seu nome possamos denunciar, consolar e restaurar.

Cristãos comprometidos correm os riscos da escuridão, da perseguição, do choque com seus limites, enquanto vivem sua vida nos paradoxos das bem-aventuranças.⁵¹ Esta é uma das muitas lições encarnadas que aprendemos com Lothar Carlos Hoch:

Olhando de um lado, para os grandes personagens bíblicos, verdadeiros ícones da fé, nos quais nos inspiramos, e, de outro lado, para a nossa própria fragilidade diante do tamanho da nossa tarefa de ajudar os outros – convém que, quando vamos a campo, tenhamos consciência dos nossos próprios limites. Resiliência tem a ver com superação de limites, tem a ver com teimosia para viver. E é bom que assim seja. É bom que, apesar dos nossos limites, não cessemos na busca constante de nos aperfeiçoar para realizar a obra do amor e da solidariedade em meio à fraqueza humana.⁵²

⁵⁰ HENRY, Michel. *Souffrance et Vie* [Sofrimento e Vida], escrita por ocasião da V Conferência Internacional “Philosophie et Psychiatrie”, realizada na Faculdade de Medicina de Paris, junho 2001 e retomada em 14 de Setembro na conferência durante “Porto 2001”. Florinda Martins a resume e comenta na **Apresentação à Genealogia da Psicanálise**. Curitiba: UFPR, 2009. p. 24-27.

⁵¹ HENRY, Michel. **Palavras de Cristo**. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Colibri, 2003.

⁵² HOCH, Lothar C. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH; ROCCA L., 2007, p. 80.

Referências bibliográficas

- BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. **Estados Gerais da Psicanálise**, 2003. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2010.
- _____. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graaz, 1983.
- FERRY, Luc. **Diante da crise: materiais para uma política da civilização**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- DENIS MUKVEGE. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=160707>>. Acesso em: 28 jul. 2010.
- HENRY, Michel. **Genealogia da Psicanálise: o começo perdido**. Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: UFPR, 2009.
- _____. **Eu sou a verdade: para uma filosofia do cristianismo**. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Vega, 1998.
- _____. **Encarnação: por uma filosofia da carne**. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Circulo de Leitores, 2001.
- _____. **La Barbarie**. Tradução de Tomas Domingo Moratalla. 2. ed. Madri: Caparrós, 2006,
- _____. **Palavras de Cristo**. Tradução de Florinda Martins. Lisboa: Colibri, 2003.
- HOCH, Lothar C. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH, Lothar C.; ROCCA L., Susana M. **Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado**. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007.
- JUNGBLUTH, Ana Carolina. **Jornada imaginativa: o problema da experiência transmissiva e cultural na perspectiva de Giorgio Agamben**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KÜHN, Rolf. **Gabe als Leib in Christentum und Phänomenologie**. Würzburg: Echter, 2004.
- MARION, Jean-Luc. **O fenômeno erótico**. Tradução de Florinda Martins. No prelo em Portugal.
- MARTINS, Florinda. **Recuperar o humanismo: Para uma filosofia da Alteridade em Michel Henry**. Estoril: Princippia, 2002.
- _____. **Apresentação à Genealogia da Psicanálise**. Curitiba: UFPR, 2009.
- SAFRA, Gilberto. A fragmentação do ethos no mundo contemporâneo. In: NOÉ, Sidnei (Org.). **Espiritualidade e saúde**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2005. p. 7-14.
- WONDRACEK, Karin H. K. Cristianismo como filosofia: uma introdução às idéias de Michel Henry. In: VII SALÃO DE PESQUISA DA FACULDADES EST, 2008, São Leopoldo. *Anais...*
- _____. Para além da teologia e da filosofia: a doação do pensamento na Fenomenologia da Vida de Michel Henry. In: VII SALÃO DE PESQUISA DA FACULDADES EST, 2008, São Leopoldo. *Anais...*

_____. **Ser nascido na Vida:** a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.